

REINVENTANDO AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS¹

Eduardo P. de Aquino Fonseca

*...e eu digo a todo mundo que eu fiz um terreiro
de candomblé moderno*

(Pai Edu/Festa de Ogum/23.4.94)

1. Introdução

A importância que um terreiro de culto afro-brasileiro alcança no mercado de bens e serviços religiosos é avaliada por indicadores externos e internos. No que tange aos primeiros, o prestígio e a fama de um terreiro são medidos pela quantidade de pessoas presentes nas festas públicas em homenagem às divindades, incluindo as famosas, como políticos, profissionais liberais renomados, empresários, intelectuais, etc, pela beleza plástica e estética das cerimônias e pela quantidade de animais sacrificados nos diversos rituais. Do ponto de vista dos indicadores internos, a origem ou afiliação a um terreiro considerado tradicional e a capacidade ritual do sacerdote figuram como os principais elementos de prestígio do terreiro (cf. Dantas, 1988; Fonseca, 1995).

Nesse contexto, a fama e reconhecimento que um determinado terreiro alcança se traduzem em um maior poder de concorrência no mercado de serviços mágico-religiosos e, em última instância, em maior número de adeptos. O prestígio e conseqüente visibilidade pública do pai-de-santo funcionam como um grande atrativo para o terreiro. A procura de um determinado terreiro está relacionada, em

¹ A primeira versão deste ensaio foi apresentada no congresso internacional *As Novas Religiões. A Expansão Internacional dos Movimentos Religiosos e Mágicos*, realizado de 14 a 18 de maio de 1994, na UFPE.

grande parte, à capacidade atribuída ao pai-de-santo de solucionar os problemas a ele apresentados. Esta aptidão, por sua vez, está ligada principalmente ao prestígio que ele conseguiu conquistar em sua carreira de sacerdote.

Depois dos trabalhos de Edison Carneiro (1981), foi introduzido nos estudos das religiões afro-brasileiras o conceito de *pureza africana*, ou melhor, de *pureza nagô*. De acordo com o autor, a autêntica religião africana no Brasil é a de origem iorubá (nagô e queto), que permaneceu inalterada em poucos candomblés baianos. No restante, observa-se a perda gradual da africanidade, decorrente do sincretismo católico e espírita. Esse conceito de *pureza nagô* vai ser ampliado e mais divulgado por Roger Bastide (1971), passando a definir, no domínio afro-brasileiro, a verdadeira religião tradicional africana. Neste sentido, seus trabalhos, lidos e copiados por vários terreiros em todo o país, servem como guardiães intelectuais da ortodoxia religiosa. Há, portanto, uma grande valorização dos terreiros que possuem uma genealogia considerada tradicional, que reclama para si a tradição e a pureza africana legítimas, ainda que ela seja manipulada e fantasiosa, como ocorre em alguns casos (cf. Motta; 1996).

Como foi observado por Weber (1991) e Bourdieu (1992), à igreja cabe, no seu sentido sociológico, a administração e o monopólio dos meios de produção, reprodução e distribuição dos bens e serviços religiosos, impedindo, portanto, o acesso dos leigos aos textos sagrados, instrumentos do culto e, principalmente, aos sacramentos. Saber e exercício religiosos são privilégios de uma casta preparada especialmente para essa atividade, possuidora de um conhecimento refinado, de alta qualificação, não sendo apanágio dos leigos. O profeta e o feiticeiro se aproximam em suas atividades, na medida em que exercem o ofício do sagrado fora das instituições religiosas legítimas, contando apenas com a sua pessoa para garantir o sucesso do empreendimento. Precisam, então, adquirir capital religioso pela conquista, através de sucessivas demonstrações de competência mágica e religiosa. Neste raciocínio, os terreiros de Xangô tradicional funcionam como uma igreja, tentando impedir o surgimento de outros sacerdotes que não possuam “os fundamentos da verdadeira religião africana” (sic), e definindo a ortodoxia do culto.

Este ensaio procura investigar a trajetória de Pai Edu, um babalorixá residente na cidade de Olinda, em Pernambuco, demonstrando como ele construiu sua fama e seu reconhecimento social fora dos padrões tradicionais. Considerando que pai Edu não pertencia a nenhum terreiro tradicional da cidade, questionarei: como ele conquistou credibilidade religiosa apenas com a sua pessoa? Quais os episódios que contribuíram para consolidar sua autoridade? Em resumo, como acumulou capital e autoridade religiosas fora dos padrões considerados tradicionais?

Realizar este estudo de caso, a meu ver emblemático, possibilita retomar as discussões que giram em torno do tradicional versus o novo no domínio das religiões afro-brasileiras.

2. Perfil e Trajetória de um Babalorixá de Sucesso

É importante ressaltar que não procurei elaborar um ensaio biográfico *strictu sensu* de Pai Edu, e sim destacar os eventos que tiveram maior repercussão em sua carreira de sacerdote². É evidente que, realizando isso, estou, de uma forma ou de outra, reportando-me à sua biografia, que se encontra intimamente ligada às suas práticas sacerdotais.

Reconstruir a trajetória religiosa de Pai Edu é lidar com inúmeros acontecimentos, alguns mais polêmicos, e que tiveram grande repercussão, outros nem tanto, mas não menos importantes. Entretanto, mapeando os eventos mais marcantes em sua carreira religiosa, encontrei: (i) o Seminário dos Franciscanos; (ii) o hexacampeonato do time de futebol Clube Náutico Capibaribe; (iii) a iniciação religiosa e a morte da cantora Clara Nunes; (iv) o título de Vice-Rei do

2 Para elaborar este ensaio, utilizei-me da reconstrução da história de vida religiosa do babalorixá, através das entrevistas com ele realizadas. Entretanto, ciente das “armadilhas” e das implicações metodológicas que essa opção poderia acarretar, decidi investigar também as notícias e informações veiculadas em jornais, revistas, etc., sobre o pai-de-santo e seu terreiro. Pesquisei as notícias contidas no *Diário de Pernambuco*, no período de 1970 a 1985, que se encontram microfilmadas na Fundação Joaquim Nabuco. Um verdadeiro trabalho de “garimpo”, pois foram pesquisados os jornais de todos os dias, meses e anos incluídos naquele período. Tendo isso em mãos, confrontei com os dados oriundos das entrevistas realizadas com Pai Edu. Utilizei também partes do *Diário de Campo* do Professor Roberto Motta, que, gentilmente, não apenas me permitiu seu uso, mas traduziu trechos que se encontravam no original em inglês.

Candomblé; (v) o livro das “entidades espirituais”; (vi) o encontro com Gilberto Freyre; (vii) a homenagem da UNESCO e (viii) a candidatura a vereador da cidade de Olinda.

Pai Edu e o Seminário dos Franciscanos: As duas Versões

Nas várias conversas que tive e entrevistas que fiz com Pai Edu, visando reconstituir sua trajetória religiosa, um ponto sempre ficou “suspenso”, pouco tratado ou abordado rapidamente: o seu polêmico ingresso no Seminário dos Franciscanos.

Segundo me contou o babalorixá, aos 12 anos de idade, ingressou no Seminário dos Franciscanos em Olinda, sendo expulso dois anos depois por ter recebido uma entidade espiritual conhecida por José Luís. Naquela época, participava assiduamente das missas e costumava ajudar a enfeitar a igreja. Em decorrência desse interesse e “dedicação às coisas da igreja”, às vésperas de sua primeira comunhão, recebeu o convite de uma senhora, a quem chama de “protetora dos padres”, para ingressar no Seminário e seguir o sacerdócio, como procura explicar:

Pai Edu: ...depois, ela disse:

- Quer ser padre?

- Quero!

- Vamos fazer um exame de admissão?

Eu não podia, eu tinha um primário precário, aquela coisa ali, nem completo era. E ela me botou uma professora particular, de nome Amália Rocha, uma morena. E me mandou para fazer exame de admissão para eu entrar no Seminário. Só entrava com isso, com o exame de admissão. E me deu o enxoval, entrei como uma criança de caridade, não é? Uma criança de caridade eu acho que não se exige tanto para o colégio do Seminário, como se faz com gente de família... gente altamente e tal. Eu fiquei assim, eu não sabia, para mim eu estava bem, quando no domingo à tarde eu perdi os sentidos. Quando acordei, para mim era um passamento, uma coisa qualquer, eu tinha recebido uma entidade com o nome de Zé. Então José, José, José... era José Luís e lá vai.

Pesquisador: Quem falou que tinha sido uma entidade?

Pai Edu: Eu sei que foi uma entidade! (irritado) Mas eles disseram que tinha recebido o demônio, não é? E logo fui colocado para fora do Seminário.

Pesquisador: Quando aconteceu isso, fazia dois anos que você

estava lá no Seminário, conforme acabou de me contar?

Pai Edu: É, naturalmente... e fui colocado para fora do Seminário e fiquei sem poder frequentar a igreja, condenado por tudo (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/30.06.93).

Visando enriquecer o material coletado, resolvi pesquisar nos arquivos e em possíveis relatórios a questão do afastamento de Pai Edu do Seminário. Entretanto, no Seminário dos Franciscanos, deparei-me com um descompasso entre a versão de Pai Edu, que acabo de descrever, e a do Frei José Milton, responsável pelo setor de arquivo e pela biblioteca do Seminário.

Na versão do Frei José Milton, não há nenhum registro da passagem de Pai Edu pelo Seminário, sendo improvável que ele tenha sido seminarista. Para ingressar ali, naquele período, existiam dois possíveis caminhos: em primeiro lugar, se o candidato estivesse cursando o que hoje chamamos de ginásio, ou 1º grau, seria enviado para um dos dois colégios mantidos pelos Franciscanos, isto é, para o colégio da cidade de Triunfo, no interior do Estado de Pernambuco, ou para o de Campina Grande, na Paraíba. Em ambos, em regime de internato, além das matérias do 1º grau, o candidato se iniciaria nos estudos de Filosofia e Teologia. O segundo caminho era escolhido quando o candidato já havia concluído seus estudos de 2º grau e possuía noções de Filosofia, às vezes obtidas em cursos realizados na própria instituição.

Neste raciocínio, entrando no Seminário (considerando a idade com que ele diz ter entrado), Pai Edu seria imediatamente enviado para um dos dois colégios da Ordem Franciscana, vindo para Olinda apenas quando tivesse concluído seus estudos, o que em nenhum momento ele mencionou. Pela outra via, era impossível naquelas circunstâncias, pois era necessária, além da conclusão do 2º grau, a iniciação em Filosofia e Teologia, passo para o qual Pai Edu não tinha nem idade.

A referência ao Seminário serve como um elemento legitimador de seu “sacerdócio afro”, revestindo-o de maior credibilidade. Afinal de contas, Pai Edu havia tentado o exercício da liderança religiosa pelo caminho “correto”, mas foi afastado por forças que estavam fora de seu controle. Por outro lado, podemos questionar se a história do Frei José Milton não seria uma forma de não permitir

uma aproximação da religião católica com o Xangô, pois a presença de Pai Edu na condição de seminarista estabeleceria, de alguma maneira, esse vínculo, onde o contato do impuro macula sempre o puro (Douglas; 1991).

Na verdade, o que me parece relevante em toda esta história é que a passagem, ou não, de Pai Edu pelo Seminário causa uma boa repercussão no imaginário de seus filhos e admiradores, como também o reveste de certa aura de seriedade.

Segundo o babalorixá, depois de expulso do referido Seminário e de sua própria residência, situada no bairro de Rio Doce, em Olinda, instalou-se no Alto da Sé, no local onde hoje é o terreiro Palácio de Yemanjá. Naquele período, o Alto da Sé ainda não possuía a importância turística e imobiliária que tem hoje. Assim, Pai Edu conseguiu um pequeno terreno desocupado, numa área que se tornou extremamente valorizada, onde se mantém instalado até hoje.

Portanto, a história do Palácio de Yemanjá está vinculada à trajetória de Pai Edu e às consultas realizadas com seus Mestres. No início, os trabalhos mediúnicos eram feitos sob essa forma, não se configurando como uma prática religiosa instituída. De acordo com Pai Edu, essas consultas estão relacionadas com o seu afastamento do Seminário dos Franciscanos, em Olinda.

“Ainda não era o Palácio de Yemanjá”: O Início dos Atendimentos

Independentemente da polêmica em torno da passagem, ou não, de Pai Edu pelo Seminário, o importante agora é salientar que ele iniciou seus trabalhos mediúnicos apenas atendendo a clientes. Aos poucos, foi-se formando um grupo de simpatizantes e, mais tarde, uma comunidade religiosa. Do ponto de vista espiritual, os primeiros atendimentos foram realizados com os Mestres e, paulatinamente, foram “chegando” os Orixás, que se articularam no terreiro, ocupando mais tarde espaços rituais diversos na dinâmica do culto. O depoimento de Pai Edu a esse respeito é esclarecedor:

Aí eu fui continuando, continuando, depois, aí foi crescendo e chegando outras entidades. Apareceu as entidades femininas que eu tinha, que eram: Zezinha, Marina e Cícera. Três crianças que brincavam de carrinhos, pedia

confeitos, aquelas coisas, quando baixava. Depois apareceu uma menininha que dizia que era Oxum, as mães das águas, a mãe das águas... menininha também brincando. E de Oxum, fomos tendo a oportunidade de conhecer os Orixás da nação Nagô, e daí, eu comecei a minha vida no candomblé (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993).

Na verdade, Pai Edu não vinha de nenhuma família religiosa tradicional nem tinha ligação formal com os terreiros de Xangô mais famosos da cidade. Ciente disto e movido por aspirações de ascensão financeira e religiosa, o Babalorixá incorpora práticas litúrgicas consideradas tradicionais no mercado religioso da cidade.

Entretanto, mesmo com a incorporação dos Orixás e seus rituais, o que revestia o terreiro de características tidas como tradicionais, Pai Edu era olhado com certa suspeita pelo povo-do-santo por não ter sido iniciado com todos os preceitos e recolhimentos necessários. E o próprio pai-de-santo reconheceu isto quando disse: *...muitas pessoas diziam que eu tinha o santo pendurado, como carne no açougue, porque eu não tinha sido feito.* Assim, percebendo que sua legitimidade dependia da iniciação religiosa num terreiro de Xangô e, se possível, numa casa tradicional de Xangô da cidade, não tardou em providenciá-la. Na versão de Pai Edu, que parece desejar ocultar essa busca de legitimidade, a escolha de seu pai e de sua mãe-de-santo se deu da seguinte forma:

Pai Edu: Um belo dia, eu encontrei em Tejipió, uma vez que fui convidado para uma festa, uma senhora de idade, pobrezinha, muito humilde, mãe Chiquinha... se chamava Chiquinha do Pacheco, lá no Tejipió. Eu olhei para ela e disse:

- A senhora quer ser minha mãe?

Ela disse:

- Meu filho, você quer?

- Quero!

- E Pai?

- Pai, qualquer um. A senhora vai ser tudo pra mim.

Ela veio para cá e foi minha mãe-de-santo e o pai que ela trouxe foi o grande Babalorixá Zé Romão (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993).

É interessante observar que Pai Edu insiste em ressaltar que

sua iniciação no referido terreiro com o pai-de-santo Zé Romão é pura obra do acaso, pois ele, realmente, fazia questão era de sua mãe-de-santo, conhecida como Chiquinha do Pacheco. Como é sabido, existe a valorização dos terreiros de Xangô tradicional no ambiente dos terreiros recifenses, sobretudo aqueles ligados ao sítio de Pai Adão, uma das casas-matrizes do Xangô pernambucano. Como naquele momento, o dirigente do Sítio de Pai Adão era Zé Romão, estabelecer um vínculo com o terreiro proporcionaria a Pai Edu a legitimidade de que ele precisava.

Por outro lado, a introdução de uma prática religiosa com traços mais próximos do Xangô permitia o acesso a uma clientela de maior poder aquisitivo, possibilitando a projeção do terreiro. Em outras palavras, possuir uma cosmologia voltada ao culto dos Orixás significa ter maior poder de concorrência, viabilizando, assim, a ascensão financeira e religiosa do terreiro.

Descoberta de Pai Edu: O Hexacampeonato do Náutico

É importante salientar que, no início do envolvimento de Pai Edu com os times de futebol profissional da cidade, ele já desfrutava de certo reconhecimento. Entretanto, ainda não tinha conseguido contabilizar o prestígio e a visibilidade que possui atualmente no universo dos cultos afro-brasileiros. Sabendo que era necessário aparecer mais, pois, caso contrário, não conseguiria estabelecer-se no concorrido mercado religioso da cidade, procurou envolver-se com times de futebol:

Porque eu fui hexacampeão pelo Náutico, porque eu tinha que fazer muita coisa. Eu tinha que mostrar cem, eu não podia mostrar noventa. Eu tinha que mostrar cem para ser um pouquinho aceito (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/ 30.06.1993).

E complementa em outra entrevista:

...como eu disse pra você, invés de trabalhar para o Santa Cruz, que é o time que admiro, que amo, fui para o Náutico, para os cartolas... pra o Sport. Porque a minha vontade era chegar e conseguir chegar e ficar muito tempo na sociedade (Palácio de Yemanjá/08.07.1993)

Mas ele explica o seu envolvimento com os clubes de futebol como sendo por acaso, pois atendeu a um jogador do time Sport Clube do Recife, que se encontrava ansioso para melhorar seu desempenho profissional. Tendo conseguido, contou logo aos amigos. O babalorixá narrou esse episódio em seu livro *Zé Pilintra e Eu*:

...um belo dia, chegou à casa de Edu, para uma consulta, um rapaz. Era um jogador do Esporte Clube do Recife. Desejava uma consulta e a conseqüente proteção, para ele, na sua profissão. Durante a consulta, o rapaz comentou que seu time não andava bem, embora, por aquele tempo, o Esporte fosse Campeão do Estado. Efetuada a consulta, aconselhado um pequeno trabalho – e logo o resultado foi alcançado: o rapaz conseguiu a melhor desejada. Este primeiro jogador trouxe um segundo... e mais outro e mais outro (Silva; 1980: 91).

Desse modo, os amigos do jogador, também ansiosos por melhorar suas *performances*, foram, um a um, fazer consultas com Pai Edu e, aos poucos, toda a equipe do Sport estava freqüentando o terreiro. Nesse ano, o Sport foi campeão pernambucano de futebol, e Pai Edu atribui o título aos trabalhos espirituais realizados com os jogadores.

Entretanto, o técnico do time freqüentava o terreiro do pai-de-santo Zé da Bola, situado no Barro, bairro pobre da periferia da cidade. Assim sendo, convidou e terminou levando todos os jogadores do Sport para o referido terreiro, mesmo contra a vontade deles, pois estavam satisfeitos com Pai Edu.

Certo dia, ainda na versão de Pai Edu, um jogador de outro clube de futebol do Estado, o Clube Náutico Capibaribe, bateu à porta do terreiro em busca de proteção espiritual. Do mesmo modo que o jogador do Sport, o atleta do Náutico melhorou repentinamente seu desempenho e comentou na concentração do seu clube. Em pouco tempo, todo o time do Náutico estava se consultando com Pai Edu, no Palácio de Yemanjá.

A partir de então, inicia-se uma verdadeira guerra mágica entre os times Sport Clube do Recife e Clube Náutico Capibaribe, liderados pelos pais-de-santo Zé da Bola e Pai Edu. Acontece que, nesse ano de 1963, o Clube Náutico Capibaribe foi campeão pernambucano e Pai

Edu levou a melhor na disputa mágica. Desde então, Pai Edu passou a trabalhar para o Náutico, que chegou a ser hexacampeão de futebol profissional, no período de 1963 a 1968.

Vários depoimentos em jornais e programas esportivos tornaram o babalorixá conhecido no Estado de Pernambuco. Durante este período, portanto, Pai Edu foi lembrado assiduamente nos noticiários esportivos, ora num sentido cômico, ora num sentido de espanto e admiração, permitindo, desta maneira, a consolidação do seu prestígio e seu reconhecimento público.

Entretanto, apesar da repercussão do hexacampeonato, os eventos que mais lhe deram destaque, sobretudo em âmbito nacional, foram a iniciação da cantora Clara Nunes e o título de Vice-Rei do Candomblé do Brasil.

Da História ao Mito. A Iniciação de Clara Nunes: Pai Edu no Cenário Nacional

Clara Nunes foi uma cantora de samba que conheceu o auge do sucesso em meados da década de setenta. Conquistou a fama cantando músicas dos compositores das escolas de samba do Rio de Janeiro e composições versando sobre temas “afro”.

O interesse de Clara Nunes por aquela temática foi o resultado da convergência de dois fatores: seus contatos e sua iniciação em terreiros de cultos afro-brasileiros, e a orientação do seu produtor fonográfico, Adelson Alves, que apostava nesse perfil para a cantora.

Clara Nunes conta, em entrevista concedida à *Manchete*, cinco anos antes de seu falecimento, a importância da descoberta do terreiro de Umbanda, situado na favela da Rocinha, para sua vida pessoal e profissional:

Uma das moças – não importa dizer quem seja – levou-me a um centro na Rocinha. E ali encontrei meu caminho. Minhas forças, meu destino. Desenvolvi-me na Umbanda e hoje - filha de santo - tenho o corpo fechado (Manchete/ março/1983).

Em 1971, ao procurar Adelson Alves, Clara Nunes continuava freqüentando o referido terreiro na favela da Rocinha no Rio de

Janeiro. Dessa maneira, quando Adelzon Alves recebeu o convite do diretor da gravadora Odeon para produzir o novo disco de Clara Nunes, exigiu algumas condições:

Quando resolvi aceitar o trabalho com Clara, impus algumas condições. A primeira: construir-se uma imagem de cantora identificada com as origens afro da nossa música, abandonadas desde Carmen Miranda...

E conclui dizendo:

Paralelo a todo o trabalho que estava sendo feito no disco, o Geraldo Sobreira, costureiro da Clara, holou todo um guarda-roupa que projetasse, no visual dela, a música que estivesse interpretando. O mesmo cuidado foi tomado pelo cabeleireiro Adevanir, refazendo o corte de cabelo, criando um estilo mais dentro da linha afro contida nos sambas (Manchete/abril/1983).

Houve, então, um verdadeiro casamento de interesses entre o produtor e o perfil que ele desejava criar para Clara Nunes e a vida pessoal da cantora, pois a sua prática religiosa se inscrevia no universo afro.

Em 1972, Clara Nunes vai, por intermédio de uma cantora da Rádio Jornal do Commercio, ao Palácio de Yemanjá e conhece Pai Edu. Segundo este, ela foi se consultar para melhorar sua vida profissional:

- ...ela esteve aqui com Aroldo Miranda e Dione, uma cantora da Rádio Jornal do Commercio. Aí, ela veio fazer uma consulta pra ter sorte, porque ela não era uma cantora de sorte. Aí, eu disse:
- Minha filha, aqui tá falando que Oxum é sua protetora. E que Oxum, deusa das águas doce, é aqui Nossa Senhora do Carmo na igreja católica, no sincretismo religioso. Você quer ser filha de Oxum?
- Quero.
- Então, vamos lavar sua cabeça nas águas do rio Capibaribe. Pronto. Depois, eu falei que a imprensa vivia toda ao meu lado, tudo que eu fazia... aí, ela não quis.
- Vão dizer no Rio de Janeiro que eu estou apelando.
- Mas não tem nada a ver, não tem nada a ver...

E ficamos lutando. À noite, eu não tinha telefone ainda, fomos na companhia telefônica telefonar para o noivo dela, que era Adelson Alves, locutor da Rádio Globo, no Rio. E quando eu expliquei para ele, ele disse:

- É uma coisa ótima para ela. Clarinha, aceite.

Aí foi quando ela aceitou. Daí, foi a *Amiga*, foi a *Manchete* atrás, acompanhando, pronto, escandalizou, ela cresceu, logo teve sorte de trabalhar com Vinícius de Moraes. Conheci Vinícius de Moraes aqui na minha casa. Coroei no Ginásio do SESC, ela não tinha nem dinheiro para roupa nem tudo, foi eu que dei vestido, coroa, tudo e tal. Aí, ela ficou muito amiga e cresceu muito. Toda vez que vinha aqui, ficava mais aqui de que no hotel (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993).

Assim, Clara Nunes se iniciou no terreiro Palácio de Yemanjá, ficando quarenta dias de resguardo e saindo do quarto em pleno ginásio do SESC, onde foi coroada. Na verdade, Pai Edu procurou dar um destaque especial à iniciação de Clara Nunes, visando atrair a atenção da imprensa e, conseqüentemente, contabilizar mais prestígio.

Mas a distância geográfica que separava Clara Nunes do terreiro Palácio de Yemanjá impediu sua participação de forma mais intensa, ficando restrita as visitas ao terreiro em suas passagens pelo Recife. De acordo com a cantora:

Eu passei por muitas fases até ir ao encontro da Umbanda. Católica de berço, iniciei-me no Kardecismo quando adolescente. Mas, no Rio, quando fui levada a um terreiro de Umbanda, todas as minhas vibrações se identificaram plenamente. Até hoje freqüento o mesmo centro. Na Rocinha. Mas fechei meu corpo no Recife. Com Pai Edu. Lá recebi Iansã e fiquei de resguardo 40 dias. Oxum de frente. E Iansã (meus grifos – Manchete/26 de março/1983)

Em 1983, doze anos depois de sua iniciação religiosa no terreiro de Pai Edu, um acidente anestésico, decorrente de uma pequena intervenção cirúrgica, põe fim à carreira da cantora Clara Nunes.

Pai Edu vinha avisando à cantora que a sua ausência de participação no terreiro estava desagradando seu Orixá, e que terminaria acontecendo uma desgraça em sua vida. Coincidência ou não, o falecimento da cantora teve uma boa repercussão em termos de

prestígio para Pai Edu, pois, nesse episódio, o terreiro apareceu inúmeras vezes no circuito da mídia. Ele nos contou:

Daí, ela queria conceber, eu mandei avisar que ela tinha deixado e que uma tragédia arroteava a vida dela, através de revista, e ela estava no Japão. Quando voltou do Japão, não tomou conhecimento, não acreditou e se submeteu numa clínica para conceber. Ela queria fazer inseminação para ser mãe e perdeu a vida (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993).

Mesmo num clima de tristeza, fruto da perda da cantora, mais uma vez Pai Edu se beneficia e ganha popularidade, agora em âmbito nacional. Desse modo, o terreiro alcançou projeção no País, revertendo-se numa maior demanda por serviços religiosos e num maior número de afiliados.

Pai Edu: De Vice a Rei do Candomblé

No dia 21 de março de 1971, no Hospital das Clínicas, em São Paulo, morre de cardiopatia o Rei do Candomblé Brasileiro, Joãozinho da Goméia. Alguns anos depois do falecimento do famoso babalorixá, era indicado para assumir o reinado o pai-de-santo e escritor de livros de Umbanda José Ribeiro.

Cabendo ao pai-de-santo José Ribeiro a escolha do seu vice, não hesitou em escolher Pai Edu para ocupar o cargo de Vice-Rei do Candomblé Brasileiro. Conforme vimos, após a iniciação de Clara Nunes, o nome de Pai Edu já circulava fora do Estado de Pernambuco, alcançando repercussão nacional, como atestam as palavras de José Ribeiro:

Em 1971, com a morte de Joãozinho da Goméia, fui escolhido para rei. Não conhecia ainda Edu, apenas através da imprensa e por ouvir falar. Sabedor de seus trabalhos no Recife, escolhi-o para Vice-Rei. Realmente, não vejo até agora outro nome à sua altura (Diário de Pernambuco/25.08.1973).

Entretanto, apesar do inegável prestígio que Pai Edu conseguiu

articular, a notícia da indicação do seu nome para vice-rei foi recebida com surpresa e grande entusiasmo no terreiro. Afinal de contas, outros pais-de-santo do Nordeste possuíam fama e prestígio iguais ou maiores que Pai Edu no cenário afro-brasileiro:

Ele disse: Eu quero lhe dar o título, vim coroar você como Vice-Rei do Candomblé do Brasil, que eu sou o Rei! Mas eu disse:
- Por quê? Os terreiros aqui não gostam de mim porque eu sou vaidoso, tenho as coisas diferentes, fugi muito da linha do candomblé, do nagô, e eu abranjo a todas as linhas, inclusive eu gosto dos caboclos, do Zé Pelintra e de tudo eu gosto.
- Nada disso. Você é o Rei, o Vice-Rei do Candomblé do Brasil pelo que você faz; e os outros, o que foi que fizeram? Pelo que você vem fazendo, pelas instituições de caridade, a... o Hospital do Câncer, tudo isso e tal (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995).

Exatamente por possuir uma prática mista com elementos do Xangô-Candomblé e da Umbanda, a indicação de Pai Edu foi alvo de protesto do Pai-de-santo José Paiva, Presidente da Federação dos Cultos Afro-Brasileiros de Pernambuco, segundo o qual, centenas de associados se manifestaram contrários à elevação de Pai Edu a Vice-Rei do Candomblé, alegando ser ele Umbandista. O babalorixá narra esse episódio:

Aí, ele foi embora tratar da coroação. Aí começou a guerra aqui, os jornais falando, aí, Paiva brigando, dizendo horrores, nunca ele veio dizer pessoalmente, só através da imprensa. E Zé Ribeiro telefonando: Eu vou, porque eu vou levando... os terreiros convidados (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995).

Mas, na versão do falecido Rei José Ribeiro, o Presidente da Federação não reconhecia Pai Edu como vice em decorrência de sua identidade sexual, ou, em suas palavras:

Realmente, Paiva falou certas coisas de Edu e fez intrigas para que não fosse coroado... Eu sou homem, macho mesmo, mas podia não ser, como não era Joãozinho da Goméia, meu antecessor. Ora, não importa quem seja Edu, importa a dedicação que ele tem para com os cultos africanos, e

também os movimentos filantrópicos que vem fazendo, quer seja ajudar o Hospital do Câncer, quer seja para ajudar o Mobral ou a Febem (Diário de Pernambuco/ 25.08.1973).

Mesmo diante de todo esse protesto, Pai Edu foi coroado Vice-Rei do Candomblé do Brasil, às 20h do dia 24 de agosto de 1973, no Ginásio de Esportes da Imbiribeira, com a participação de diversos terreiros do Recife, João Pessoa, Salvador, etc., da Federação de Cultos Afro-Brasileiros de Pernambuco e de várias personalidades da sociedade recifense. Pai Edu descreveu sucintamente a cerimônia de coroação:

Pai Edu: ...muita gente, e foi tudo para lá, e aquele Geraldão não superlotou porque, para superlotar aquele Geraldão, é muita coisa, mas tinha muita gente. O Sr. Tranca Ruas foi para lá no meio da quadra, com uma capa de veludo enorme... ficou lindo!

Pesquisador: Sim, de acordo com os jornais, colocaram uma mesa na quadra, houve um desfile, como é que foi?

Pai Edu: Houve o toque, não é? A parada para a cerimônia, e eu vestido com a túnica enorme branca. (...) Ele vestido com aquela roupa que eu não sei se era da Portela, que aquilo ali não tinha nada com um Pai-de-santo (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995).

De acordo com os jornais da época, na quadra de esportes foi colocada uma mesa de banquete em forma de “U” para os convidados especiais, e o público em geral ocupou as arquibancadas do ginásio. A cerimônia da coroação foi assistida pelo Prof. Roberto Motta, que registrou o evento com as minuciosidades de seu *Diário de Campo*, do qual citaremos apenas os trechos principais:

Entra o Rei do Candomblé no Brasil, chamado José Ribeiro. Ele está acompanhado pelo presidente da Federação de Cultos Africanos e de Terreiros de Umbanda em Pernambuco. Sua Majestade está todo revestido de plumas e parece juvenil. O locutor anuncia a presença do prefeito de Olinda, Aredo Sodré. O rei pronuncia algumas palavras em ‘africano’, que ele próprio traduz. ‘Augurei a todos saúde, paz e felicidade’. Depois ordena que os diversos orixás sejam saudados, começando por Iansã... O locutor, que também atua como mestre de cerimônias, expulsa todos

os grupos da arena, mas alguns resistem. Manda que todos se levantem para a grande entréee de Edu. As trombetas atacam um trecho da Aída, a ópera de Verdi. Entra Edu, vestido com uma túnica branca de estilo grego, coroado de flores. É seguido por três moças brancas, vestidas respectivamente de amarelo, roxo ('Violet' [púrpura?]) e azul, representando Oxum, Iansã e Iemanjá. A última delas carrega a coroa vice-real. São por sua vez seguidas por crianças de ambos os sexos, vestidas suntuosamente. Edu executa uma volta olímpica em torno da arena. Ao terminar, faz um discurso. Menciona seus 43 órfãos. Diz minha missão é fazer o bem... Agora o Rei, que lembra a todos a sua realeza, e, diz ele, com o acordo de todos os candomblés do Rio, da Bahia, de todo o Brasil e de toda África, otorgo (pronunciado o-torgo) o título de vice-rei a Pai Edu. Coloca a coroa dourada na cabeça de Edu. Flores chovem em cima do vice-rei. O Rei acrescenta: 'Vós tens (sic) o direito de usar o título. Vós serás (sic) meu representante em todo o Nordeste do Brasil'. A resolução 16 da Federação do Recife reconhece Edwin Barbosa da Silva como Vice-rei. Está assinada por José Paiva de Oliveira...(Grifos do autor - Diário de Campo/24.08.1973).

No início de 1993, vinte anos após a coroação de Pai Edu, morreu o Rei do Candomblé, José Ribeiro, e Pai Edu passou automaticamente a ser o Rei. Entretanto, o babalorixá recebeu a coroa sob os protestos dos outros pais-de-santo que duvidaram da legitimidade de seu reinado. Mas Pai Edu não valoriza esses comentários, declarando firmemente: *O trono é meu e ninguém tira (Jornal do Commercio/18.04.1993).*

Mas a situação mais ameaçadora que Pai Edu e o seu terreiro enfrentaram ainda não foi a discussão da legitimidade de seu reinado, e sim a iminência de ser expulso do terreiro Palácio de Yemanjá. Como veremos, o pai-de-santo realizou várias reformas em seu terreiro situado numa área de preservação nacional.

Os livros das “Entidades Espirituais”

Outros acontecimentos relevantes em sua carreira foram os lançamentos dos seus livros, intitulados e datados, respectivamente:

Magdala, a Cigana (1978); *Exu, o Mensageiro* (s/d); *Presença Africana em Religiões Brasileiras* (1980); *Zé Pilintra e Eu* (1980) e *O Capeta da Casa Grande* (1981).

O livro *Magdala, a Cigana* é a história da pombagira cigana do terreiro. Na verdade, trata-se de um ardente romance erótico de uma cigana, passado em Sacro-Monte, na Espanha. Segundo Pai Edu, a idéia de escrever esse livro veio da sugestão dos seus filhos-de-santo, que ficavam emocionados com a história da vida da cigana, contada pela própria entidade, quando incorporada ao babalorixá, pedindo que escrevesse:

Pesquisador: Como foi que surgiu essa idéia de escrever os livros? Você me disse uma vez, Pai Edu, que ditava, conversava e uma pessoa escrevia

Pai Edu: Não. Primeiro Magdala, a minha cigana. A minha cigana, no aniversário dela e das outras Pombagiras, toda vez que ela descia e ela contava um pedaço da vida dela.

Pesquisador: E tinha alguém em especial que escrevia...

Pai Edu: Sim, naturalmente... não!

Pesquisador: Não? Quando você ditava, alguém...

Pai Edu: Naturalmente, todo mundo consultando-se com ela e todo mundo contente, e quando eu tornava e as pessoas falava:

- Mais é tão bonito! Eu chorei tanto pelo que Magdala passou, chorei tanto!

E era tudo Magdala, Magdala. E se fazia aqueles banquetes aqui para ela. Então, se pediu para ela, para gravar quando ela chegasse, e ela não sabia, não entendia o que era gravar ou não gravar. Aí, se pediu a permissão, se podia se ter a vida dela, botar no papel a vida dela, e tal; e, com muito jeito e dando champagne a ela, cigarrilha, perfume francês, aquela coisa toda que ela gostava, e ela cedeu, que escrevesse, mas aí, então, vou escrever, nós começamos aí, então, a gravar, não é? E depois, a gente conseguiu botar no papel, entendeu? (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995)

O livro *Exu, o Mensageiro* aborda, como o próprio nome o indica, toda a simbologia dos Exus, destacando suas cores, suas obrigações, seus pontos cantados e riscados, etc.; enfim, é uma espécie de manual sobre os Exus.

Em *Presença Africana em Religiões Brasileiras*, o livro prefaciado por Gilberto Freyre, Pai Edu aborda, tendo como ponto de

partida os Orixás, uma variedade de elementos existentes na cosmologia religiosa do terreiro. De acordo com o babalorixá:

Pesquisador: E os outros livros, como foi que surgiram?

Pai Edu: Os outros livros são as histórias dos africanos, não é? O jogo de búzios, que eu já tinha, do tempo que eu fui feito, lá no... na casa de Pai Adão, que hoje é Papai, eu tinha um caderno que tinha o jogo de búzios, que tinha aquilo tudo, mas eu não tinha o significado. Então, eu aprendi o jogo de búzios, a desenvolver cada Orixá, cada trabalho do Orixá e por que o Orixá tinha por obrigação de deixar as características no filho, se ele era um anjo da guarda, ele tinha que deixar (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995).

Na realidade, podemos afirmar que *Exu, o Mensageiro e Presença Africana em Religiões Brasileiras* são obras didáticas, escritas pelo babalorixá com o objetivo de partilhar, numa “visão de dentro”, os segredos e mistérios do mundo afro-brasileiro.

O livro *Zé Pelintra e Eu*, diferentemente dos outros escritos por Pai Edu, foi, segundo ele, “exigido” pela entidade espiritual Mestre Zé Pelintra, conforme consta da introdução:

Necessário é dar uma explicação sobre as razões deste livro ser escrito e publicado. Aparentemente, não haveria um motivo suficiente para ser levado ao prelo a vida e a atuação de um 'Mestre' tão simples como 'Zé Pelintra'. 'Mestres' e 'Mestres' existem, por aí a fora, incorporando nos seus médiuns, fazendo os seus 'milagres', com as mais variadas maneiras de ser.. Portanto, as razões deste livro seriam bem pouco lógicas, caso não fosse dada verdadeira razão: Zé Pelintra exigiu este livro. E quando Zé Pelintra exige... aí, de quem não lhe fizer a vontade! Quem sou eu, para resistir a tal Entidade? (Silva; 1980: 07).

E conclui dizendo:

E aí está o 'Livro de Zé Pelintra'. Que este grande Mestre conceda a sua caridade aos que tiverem a oportunidade de passar os olhos sobre as linhas que ele tanto exigiu. Razão deve haver, para tanto. Mas, esta razão, somente ele sabe. Salve Deus e Salve Zé! (1980: 08).

Na realidade, o livro versa sobre as relações do babalorixá com o Mestre Zé Pilintra, retratando a resistência de Pai Edu em “trabalhar espiritualmente” com aquela entidade em decorrência “dos seus modos indecentes” (sic). Segundo o pai-de-santo, não se trata de um romance, e sim das investidas verídicas do Mestre Zé Pilintra e das evitações de Pai Edu.

Como já foi apontado pela literatura antropológica (Dantas; 1988), os terreiros que “aparecem” nos livros escritos pelos pais-de-santo nem sempre correspondem ao vivenciado no cotidiano. Na verdade, os escritores tendem a privilegiar elementos que indiquem pureza e autenticidade ritual, legitimando, assim, os terreiros no mercado religioso.

Da mesma maneira, nos livros *Exu, o Mensageiro e Presença Africana em Religiões Brasileiras* são destacados alguns elementos que não encontramos no dia-a-dia do terreiro. Por exemplo, quando indaguei sobre a complicada organização das linhas e falanges dos Exus, expostas no livro *Exu, o Mensageiro*, ninguém sabia explicar. Portanto, uma investigação que apenas leve em consideração a literatura religiosa terá uma visão do terreiro.

O Terreiro Chega a Apipucos: O Encontro com Gilberto Freyre

O encontro de Pai Edu com Gilberto Freyre foi em 1979, às vésperas do lançamento do segundo livro do babalorixá. Pai Edu, conhecedor do interesse e da simpatia que Gilberto Freyre cultivava pelos cultos afro-brasileiros, e considerando que o antropólogo freqüentava o terreiro de Pai Adão, não hesitou em procurá-lo. O babalorixá compreendeu perfeitamente o que significava aproximar-se de Gilberto Freyre para sua projeção na carreira de sacerdote. Assim sendo, ao terminar seu livro *Presença Africana em Religiões Brasileiras*, título, inclusive, sugerido pelo próprio Gilberto Freyre, Pai Edu convidou-o para prefaciá-lo, conforme ele mesmo narrou:

Pesquisador: Pai Edu, como foi que você conheceu Gilberto Freyre?

Pai Edu: Conheci Gilberto Freyre porque eu fui, eu fui lá para ele prefaciá-lo, tive lá; e ele me recebeu tão bem!

Pesquisador: Vocês nunca tinham conversado antes?

Pai Edu: Não. Já sabia que ele gostava do candomblé e tudo, mas

nunca tínhamos conversado não. E ele prefaciou o livro, ficou com o livro e predominou. Você veja, eu sou tão bom, predominou e a todos os amigos dele. Inclusive ele me falou:

- Olhe, meu filho, era bom você trabalhar com esse livro na Califórnia, acho que esse livro dá para um livro didático.

Querendo transformar esse livro num livro didático, eu disse:

- Eu não vou trabalhar com livro, não posso, não sei trabalhar, eu não posso trabalhar com livro, não tenho tempo nem condições nenhuma.

(Pai Edu/Palácio de Yemanjá/04.04.1995)

O babalorixá, portanto, interessado em consolidar o prestígio conquistado com o hexacampeonato do Clube Náutico Capibaribe, com a iniciação da cantora Clara Nunes e com o Vice-Reinado do Candomblé, decide investir na aproximação com Gilberto Freyre, visando não apenas ao prefácio do seu livro, como também atrair o antropólogo para seu terreiro, aumentando assim seu prestígio e sua fama no mercado religioso. O próprio Pai Edu diz abertamente:

...e o meu desejo era conhecê-lo porque eu queria entrar na sociedade. Às vezes, em entrevistas, eu digo que comprei a sociedade, e ele foi um homem extraordinário para mim. Gilberto Freyre, foi em parte, quem me colocou na sociedade (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993).

Gilberto Freyre, por sua vez, ao escrever o prefácio do referido livro de Pai Edu, não hesita em elogiar o babalorixá, colocando-o entre os principais líderes religiosos da cidade:

São multidões de crentes assim nacionalmente, complexamente, genuinamente brasileiras, embora que diversos nas origens étnicas, que se reúnem nas festas dos cultos religiosos de que Pai Edu, de Olinda, é, há anos, líder carismático. Quem, na Olinda de hoje, é líder religioso mais carismático e mais brasileiro do que ele? Nem Sua Excelência Revma. Dom Hélder Câmara nem pastor protestante nenhum dos vários, dignos e honrados, que, junto com guias Espíritas, atuam na velha cidade, famosa principalmente por suas antigas e belas igrejas barrocas, por seus conventos ilustres, por suas tradições

Catolicamente religiosas. Tradições que Pai Edu, com seu templo, não desmerece, acrescentando-lhes, ao contrário, um colorido fraternalmente brasileiro (Apud Silva, 1980: 03)

E o mais surpreendente é que Gilberto Freyre, além deste prefácio, organizou festas para os Orixás, celebradas no solar dos Freyre, em Apipucos, onde Pai Edu e o pessoal do terreiro foram tocar, dançar e saudar seus deuses em companhia do antropólogo. Segundo o babalorixá: *Ele abriu o solar, aquele solar dos Freyres e todo o nosso terreiro foi tocar lá dentro, com toda a sociedade ali. E ele contente abrindo as bebidas dele mais antigas e dando a todo mundo e nos tratando bem.*

A partir desse encontro, Gilberto Freyre passou a freqüentar esporadicamente o terreiro Palácio de Yemanjá, sobretudo nos dias de festa em homenagem aos Orixás. O babalorixá, por sua vez, procurou explorar todos os benefícios dessa convivência com o Mestre de Apipucos, “espalhando para os quatro cantos do mundo” (sic) que conhecia Gilberto Freyre e que ele freqüentava seu terreiro.

Primeiro Olinda, depois o Terreiro: As Homenagens da UNESCO

Inicia-se em Olinda, em 1979, um amplo movimento objetivando tornar a cidade Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade. Na verdade, esta luta já havia começado por iniciativa do então prefeito dali, Prof. Germano Coelho. O ano de 1979 é considerado o marco inicial dessa luta, em decorrência de dois importantes acontecimentos que tiveram lugar em Olinda: o “Encontro sobre o Período Holandês na América Latina e no Caribe” e o “Encontro em Defesa do Patrimônio Cultural de Olinda”.

Entretanto, para fazer de Olinda cidade Patrimônio Mundial, era preciso, em primeiro lugar, torná-la Patrimônio Nacional. Os referidos encontros criaram um sentimento positivo e uma espécie de alerta para a urgência do tombamento. Assim, em 26 de novembro de 1980, depois de o projeto ter sido aprovado pelo Congresso Nacional, foi encaminhado e aprovado pelo Departamento de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça, e Olinda foi elevada à Cidade Monumento Nacional.

Em 14 de dezembro de 1982, após a visita do Diretor-Geral da UNESCO, Sr. Amadou Mahtar M' Bow, e de um movimento mais amplo envolvendo diversos segmentos da sociedade, Olinda foi declarada a Cidade Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade.³

Estes títulos recebidos por Olinda terminaram, como acontece frequentemente nos casos de tombamento, por atrair a atenção para a cidade e suas manifestações artísticas e religiosas. No ano seguinte, a 18 de abril de 1983, Pai Edu e o terreiro Palácio de Yemanjá foram homenageados pelo diretor da UNESCO. Pai Edu comenta com entusiasmo essa homenagem:

...mas eu tenho uma carta ali em francês, da UNESCO, que veio de lá trazer este título pra Olinda. Ele comemorou o aniversário dele aqui. Ele é moreno, veio com a esposa e comeu galinha de alecrim feita por mim, e tomou suco de pitanga em nome de Iansã, também feito por mim. E passou, o que era uma visita de cinco minutos, uma hora aqui... e a gente tocando; dia de São José (Pai Edu/Palácio de Yemanjá/08.07.1993)

A referida carta em homenagem ao terreiro e a seu babalorixá encontra-se num quadro pendurado no salão do terreiro, juntamente com as fotografias da iniciação da cantora Clara Nunes no rio Botafogo e a fotografia da coroação de Pai Edu.

“Só Tem Tu, Pai Edu”: A Candidatura a Vereador da Cidade de Olinda

Nas eleições de 1988, Pai Edu se candidatou a vereador da cidade de Olinda, postulação idealizada por um dos seus filhos-de-santo. Na versão do babalorixá, embora inicialmente manifestasse forte oposição à idéia, resolveu depois aceitá-la, acreditando que facilitaria a realização de um sonho: construir um orfanato para meninos de rua. Segundo suas palavras:

Pesquisador: Pai Edu, quando e como foi que surgiu a idéia de sua candidatura a vereador de Olinda?

3 Sobre a história do tombamento da cidade de Olinda, remetemos o leitor ao trabalho: COELHO, Germano. Olinda: Patrimônio Mundial. In: MEDEIROS, José Adailson (Org.). *Olinda: Patrimônio Cultural da Humanidade*. Recife. 1983.

Pai Edu: É uma coisa em que eu sempre fui contra: a questão política. Jamais li alguma página que tivesse assunto político, não entendia e não queria entender. Mas eu fui sempre... eu sempre fui bem querido pelos prefeitos de Olinda. Um dia, um filho-de-santo meu começou a botar na minha cabeça para eu ser vereador.

- Dá para você ser vereador com o nome que você tem. Olhe, todos os partidos vai correr atrás do senhor. Vai lhe dar dinheiro para o senhor cuidar dessas crianças, o senhor vai ter condições de ter um abrigo...

- Mais eu não quero, não quero, não quero.

Depois eu disse: Bom, então peçam às minhas entidades, meus espíritos. Aí, o Sr. Tranca-Ruas veio e pediram a ele. Mas ele não sabia o que era isso.

- É Bom? É bom para ele? Se é bom pra ele, então vá com a ajuda do povo. Mas não é para atingir a seita, não é usar a seita para isso e nem se expor.

Quer dizer, eu não podia fazer comício, nem tá de porta em porta, tá pela rua pedindo voto (*Pai Edu/Palácio de Yemanjá/25.10.1993*).

Assim, com o consentimento do Exu Tranca-Ruas e com o projeto de construção de um orfanato, Pai Edu lançou sua candidatura pelo Partido Democrático Trabalhista – PDT, a uma cadeira na Câmara dos Vereadores de Olinda. Mas, não houve uma campanha mais efetiva, com comícios, porta a porta, passeatas, etc., a não ser a pintura de alguns muros e paredes com sua frase de campanha: “Só Tem Tu, Pai Edu”. De acordo com Pai Edu:

*Não tinha condições de fazer política e nem... eu não fui em nenhum coquetel, nenhum banquete, nada dessas coisas de política. Eu não saí de casa. Os filhos da casa é que se manifestaram por aí, arranjaram uma paredezinha, botaram: ‘Só Tem Tu, Pai Edu’, e acabou. Não houve campanha (*Palácio de Yemanjá/ 25.10.1993*).*

Nesse contexto, com o declínio de sua popularidade e a ausência de uma campanha mais efetiva, Pai Edu não conseguiu eleger-se, embora tenha tido 700 votos. Alguns anos antes, no auge da sua fama, era bem provável que fosse eleito, embora o babalorixá atribua o fracasso nas urnas à ausência de campanha sistemática e à “traição” de alguns de seus filhos, que não votaram nele.

Além desses eventos, que tratei como os mais relevantes de

sua trajetória religiosa, Pai Edu criou várias situações inusitadas visando aumentar sua popularidade, contabilizando, assim, mais fama e prestígio. O babalorixá realizou o primeiro casamento umbandista com efeito civil, promoveu diversas peregrinações filantrópicas para ajudar instituições de caridade, como o Hospital do Câncer, o que lhe rendeu, além de popularidade, algumas placas com agradecimentos; criou um bloco de carnaval, realizou procissões de Yemanjá e Ogum, participou de um programa de rádio e foi responsável pelo horóscopo do *Jornal do Commercio*. Além das pessoas ilustres que estiveram no terreiro, como, por exemplo, o ministro Marcos Freire, o ator José Pimentel, a cantora Clara Nunes, o antropólogo Gilberto Freyre, a esposa do cantor Vinícius de Moraes, a colunável Helena Pessoa de Queiroz e sua família, os diversos prefeitos da cidade do Recife e Olinda, apenas para citar alguns.

3. Considerações Finais

Acompanhando a trajetória religiosa de Pai Edu, vê-se que ele soube, melhor do que ninguém, *contabilizar prestígio e visibilidade pública* a partir das relações clientelísticas que estabeleceu com intelectuais, jornalistas, políticos, etc. Descobriu e explorou os caminhos necessários para ascender financeira e socialmente, permanecendo, por mais de duas décadas, em destaque no cenário religioso do Estado. Ele conquistou um espaço na mídia jamais ocupado por outro pai-de-santo pernambucano, despertando a inveja e sendo, portanto, alvo de inúmeras críticas. O babalorixá possui, em decorrência desses conflitos, uma identidade ambígua. Por um lado, goza de fama e prestígio no contexto da sociedade, e por outro, sofre acusações de descaracterizar a religião africana, relegando a um segundo plano a tradição, manufaturando um produto religioso considerado inautêntico e espúrio.

Mas, o que é mesmo a tradição? Há uma tradição como um modelo abstrato, válido para todos os grupos religiosos? Ela existe fora dos interesses dos diversos atores sociais? Motta (1993) esclarece importantes pontos dessa discussão, quando afirma:

Quem fala em tradição, fala em memória, lembrança, que só existe em pessoas concretas, em carne e osso, com seus interesses de natureza social, política e econômica. A primeira coisa portanto, que compete ao cientista social

dizer sobre tradição, é que não existe uma tradição abstrata, desencarnada, que assumisse a forma de um modelo válido para todas as situações e para todo o sempre. Digamos então que a tradição afro-pernambucana significa nada mais e nada menos do que aquilo que esses sacerdotes, que são ao mesmo tempo autores, definem como tradicional. A tradição afro-pernambucana é por conseguinte aquilo que foi consagrado como tradicional pelos grandes terreiros de Olinda e Recife (Op. cit: 1).

Dessa forma, Pai Edu, procurando não se submeter à hierarquia existente entre os pais-de-santo, que disputam os verdadeiros fundamentos africanos de “sua” religião, e despreocupado com os protocolos da ortodoxia, foi “costurando”, ao sabor das circunstâncias e dos seus interesses, um novo padrão religioso, com um terreiro mais flexível e adequado às necessidades de sua clientela. Atualmente, é um dos responsáveis pelas reinterpretações das tradições religiosas afro-brasileiras em Pernambuco, consolidadas através de seus filhos-de-santo, hoje dirigentes de outros terreiros.

4. Bibliografia

- ARLÉGO, Edvaldo. *Olinda, Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade*. Recife: Edições Edificantes, [s.d.].
- AUBREE, Marion. O transe: a resposta do Xangô e do Pentecostalismo. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 37, n. 7, p. 1070-1075, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 27-78.
- CARNEIRO, Edison. *Religiões negras e negros bantus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- COELHO, Germano. Olinda: patrimônio mundial. In: MEDEIROS, José Adailson (org.). *Olinda: Patrimônio Cultural da Humanidade*. Recife, 1983.

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de poluição e Tibu*. Lisboa: Edições 70, 1991.

FONSECA, Eduardo P. de Aquino. *O candomblé é a dança da vida. Aflição, cura e afiliação religiosa ao Palácio de Yemanjá*. Recife, 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: SILVA, Edwin Barbosa. *Presença africana em religiões brasileiras*. Recife: Fida, 1980.

MOTTA, Roberto. *Edjé Balé: alguns aspectos do sacrifício no Xangô de Pernambuco*. Recife: UFPE, 1991. Tese de Professor Titular.

_____. Etnia, sincretismo e desenvolvimento do pensamento social brasileiro. In: *Reunião do Conselho Latino Americano para as Ciências Sociais (CLACSO)*. Brasília, 1992. Mimeo.

_____. A tradição afro-brasileira e sua expansão em Pernambuco. In: ENCONTRO DO INSTITUTO DE TRADIÇÕES E CULTURA AFRO-BRASILEIRA –INTECAB, 3., 1993, Recife. Mimeo.

_____. A invenção da África: Roger Bastide, Edison Carneiro e os conceitos de memória coletiva e pureza nagô. In: LIMA, Tânia (org). *O sincretismo religioso: o ritual afro*. Recife: Massangana, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1991.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Ed. da UnB, 1992.

Bibliografia Religiosa

SILVA, Edwin Barbosa da (Pai Edu). *Magdala, A cigana*. Recife: Ed. Gráfica e Papelaria Star, 1978.

_____. *Zé Pilintra e Eu*. [s.l.], 1980.

_____. *Exu: o mensageiro*. Recife: Fida, [s. d.].

_____. *Presença africana em religiões brasileiras*. Recife: Fida, 1980.

Jornais e Revistas

A TRAGÉDIA de Clara Nunes. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.614, 26 mar.1983.

CLARA NUNES, o fim de uma guerreira. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. 1.615, 3 abr.1983.

PAI EDU avisa: Clara Nunes e Renato Aragão que se cuidem. *Amiga, TV Tudo*, Rio de Janeiro, n. 641, 1 set. 1982.

PAI EDU diz que não deixaria Clara fazer a operação. *Amiga, TV Tudo*, Rio de Janeiro, n. 674, 3 abr. 1983.

PAI EDU é ameaçado de morte. *Diario de Pernambuco*, Recife, 24 ago. 1973.

PAI EDU recebe coroa das mãos do rei do Candomblé no ginásio da Imbiribeira. *Jornal do Commercio*, Recife, 26 ago. 1973.

